

MEDICINA. Na turma de 20 do primeiro período, apenas sete alagoanos

Ufal é “invadida” por alunos forasteiros

Com o Sisu, jovens de outros Estados optam por estudar em Alagoas

MAIKEL MARQUES
REPORTER

Gustavo Amorim, 18 anos, natural de Patos de Minas, é um andarilho. Saiu de casa adolescente para estudar em Belo Horizonte, a 300 km da casa dos pais, morou um ano em Pretória, na África do Sul, e, depois de muito “perrengue na vida”, desembarcou em Maceió para cursar Medicina.

Ele é um dos mais de 620 estudantes de outros estados que se submetem ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu), adotado pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) em 2011, e já estão matriculados em diversos cursos, todos sonhando com a próspera vida profissional no futuro.

“Lá em Minas, a gente também sofre com essa história de forasteiro, de ser de outra região. Em Uberlândia, por exemplo, só um nativo foi aprovado para o curso de Medicina”, comenta o estudante, que poderia ter se matriculado em Viçosa (MG), Rio de Janeiro (RJ) ou Ouro Preto (MG).

“Fiz opção pelo curso da Ufal com base em seu conceito e no histórico da instituição”, explicou o acadêmico que chegou à capital alagoana há pouco mais de um mês e, embora forasteiro, diz ter sido muito bem recebido pelos colegas de academia.

Quando falou à reportagem da Gazeta, na tarde da última quinta-feira, na agora confortável biblioteca central, Gustavo estava



FOTOS: JOSÉ FEITOSA

Vindos de realidades sociais e estados diferentes, Gustavo e Deise querem usar os conhecimentos para ajudar as pessoas mais humildes



Em alta

O conceito obtido pelo curso de Medicina da Ufal pesa na escolha dos forasteiros por Maceió

acompanhado da colega de turma Deise Azevedo, 22 anos, recém-chegada de Natal (RN).

Seu desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) lhe permitia matrícula na Ufal ou então na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Optou pela instituição mais próxima de sua casa. “Já pensou se tivesse que me mudar para o extremo do País?”, questionou.

O conceito do curso de Medicina em recente avaliação também contribuiu para que Deise, já graduada em Enfermagem, fizesse opção pela Ufal. Eis a razão pela qual a maioria dos colegas de primeiro período também se mudaram para a paradisíaca Maceió.

Da turma de 20, apenas sete são alagoanos. “Os mineiros são maioria, mas temos amigos também de São Paulo, Pernambuco e Piauí”, acrescenta a potiguar. “A Ufal me surpreendeu. Imaginei que sua es-

trutura fosse precária, mas não é”, comenta o mineiro.

Crescidos em famílias com padrões econômicos distintos – Deise é herdeira de motorista de ônibus; Gustavo é filho de empresário –, os dois estudantes concordam que, daqui a seis anos, precisam utilizar seus conhecimentos para beneficiar brasileiros de origem humilde.

“Os doze meses de vivência na África, circulando por lugares onde não havia hospital, despertaram o desejo de ajudar os mais necessitados”, revela Gustavo. “Quero exercer a Medicina no bairro periférico [Felipe Maranhão] onde meus pais ainda vivem”, disse Deise.

Como quase todos os estudantes forasteiros, os dois consideram cara a passagem de ônibus, queixam-se da precariedade do transporte coletivo e vivem com orçamento apertado na cidade que, afirmam, têm custo de vida um pouco elevado.



GUSTAVO AMORIM
ESTUDANTE DE
MEDICINA DA
UFAL

“Lá em Minas, a gente também sofre com essa história de forasteiro, de ser de outra região. Em Uberlândia, por exemplo, só um nativo foi aprovado para o curso de Medicina.”